

ÓDIO AOS JUDEUS?

Posição teológica frente ao anti-semitismo

por Hans Benno Asseburg

Ainda não fazem bem dois anos que se liquidou o último dos grandes assassinos dos judeus: Adolf Eichmann. A necessidade de sua morte é um problema muito questionável. Mesmo porque, com Eichmann, de maneira alguma, se encerrou a trágica e negra história do anti-semitismo. Não faz tanto tempo assim, algumas cidades de nosso país acordaram, tendo as portas das sinagogas pichadas com suásticas e ditos anti-semitas 1).

O anti-semitismo ainda não adormeceu. A estranha fascinação, que o povo judeu exerce continua alimentando-o. Os Dreyfus prosseguem sendo condenados. Os judeus permanecem sendo vistos como os exploradores por excelência. «Camarada judeu!» exclama a mulher indignada com os preços da quitanda. «Tem cara de judeu» constata o funcionário público observando um milionário a instalar-se na sua vizinhança. As acusações de que o capitalismo internacional, bem como os cartéis de imprensa, seguem sob o domínio judaico, é muito que ainda não se extinguiu. Pelos tortuosos meandros da consciência humana ainda se esgueira a sombra úmida e fria do asco físico provocado pelo contato nauseabundo dos judeus. O judeu suja tudo o que toca. A sua simples presença empesta o ambiente. O contato com êle destrói a dignidade humana. Casamentos com judeus contaminam a raça. Sobre êsses e outros «nobres» sentimentos humanos, o nazismo de Hitler tem uma longa e humilhante história a contar.

Por que somos levados a odiar de tal forma os judeus? Que de revoltante possui êste povo para despertar um ódio tão profundo e cerrado? Um ódio que leva a denegrir e degradar a sua própria categoria humana?

Que é, afinal, o anti-semitismo? Quais são as suas causas? Notemos bem, êsse ódio não é um ódio qualquer. Há mais de dois mil anos a história o vem conduzindo em seu bôjo. Explode como um fogo-fátuo através dos tempos, rompendo tôdas as barreiras raciais, nacionais, e religiosas. Poderíamos tentar definir o anti-semitismo como sendo «tôda a êscala de sentimentos e condutas contra os judeus, distinguindo-se entre a reação instintiva que não tenciona tocar num só cabelo do judeu até um ódio que tem como fim irredutível a destruição completa e planejada dos judeus» 2). Percebe-se logo que tal definição não descreve nem abrange tôda a multiplicidade do fenô-

meno. Tentaremos, a seguir, analisar alguns aspectos sociológicos do mesmo, a fim de encontrar elementos que nos levem a uma visão mais ampla do problema.

Antes disso frisamos, que ao abordar este problema nesta Semana Acadêmica não pretendemos, de alguma maneira, despertar sensações. Não nos estamos intrometendo em casa alheia ou encarando o problema com interesse puramente cinetíficos com alguém que não esteja direta ou indiretamente ligado a ele. Nem é o nosso intuito defender o «pobre judeu» que passou por tantos sofrimentos no decurso da história. Longe disso. Enquanto ambos, judeus e cristãos lemos o Antigo Testamento, enquanto o ódio aos judeus se manifesta no próprio seio da Igreja Cristã, ninguém nos pode negar o direito, aliás, o dever, de nos pronunciarmos sobre o problema do anti-semitismo.

Daí sermos forçados a perguntar: Por que o anti-semitismo envolve apenas o povo judeu? Como se explica que foram os judeus, apenas um dos muitos povos semitas, os atingidos pelo anti-semitismo durante o percurso de sua história? Que possui de especial esse elemento da humanidade para desencadear reações tão violentas e exclusivas?

Examinemos, pois, mais de perto esse elemento chamado paradoxalmente, através dos tempos o «povo» judeu. Para tal procuraremos distinguir algumas particularidades características do povo judeu que o fizeram, através da história, sobressair no contexto de outros povos.

PARTICULARIDADES

Já nos séculos VII e VIII A.C. encontramos no povo judeu uma particularidade que o distingue dos demais povos do Oriente Antigo — a sua religião. Enquanto os seus vizinhos sacrificam e servem a uma infinidade de deuses, os judeus a um só Deus. Afirmam ter sido o seu Deus quem fez os céus e a terra e quem governa todas as nações³⁾. Podemos perfeitamente imaginar a reação que tais afirmações despertavam no seio dos outros povos; o escândalo que os judeus provocavam com as suas afirmações dogmáticas, abolutistas e exclusivistas. Enquanto as religiões politeístas das redondezas eram tolerantes a religião judaica constituía um monoteísmo intolerante, radical e exclusivo. Enquanto que aquelas estavam de portas abertas para receber outras divindades, reconhecendo e enquadrando-as nos seus panteões, Javé, o Deus dos judeus, negava todo e qualquer convívio com outros deuses, mesmo porque eles não «existiam»⁴⁾. Javé pretendia para si o domínio sobre todos os outros povos. Escolheu um grupo de homens, judeus, descendentes de Abraão, declarou-os seu povo eleito, prometendo que os levaria a dominar sobre muitas nações.⁵⁾ E isso dito de um pequeno povo que em sua insignificância política vivia como joguete entre os potentados da época. Diante disso, que outro julgamento — que não fôsse o da arrogância — poder-se-ia aguardar da posteridade?

O rigorismo legalista post-exílico, que levou os judeus a absolutizar a lei fora da história, conduziu forçosamente a uma situação de isolamento, em que desapareceram todos os traços de solidariedade para com os outros povos. Com essa atitude isolacionista e de desprezo à comunhão, colheu o ódio dos povos circunvizinhos, que marcaram êsse povo estranho com o epíteto de «amixista», isto é, contrário a relação comunitárias 6).

Êsse isolacionismo continuou existindo, com maior ou menor intensidade, através dos tempos. Alexandria é um exemplo típico para êsse fato 7). Onde grupos maiores, no período da diáspora, constituíam um núcleo, transparecia nitidamente êsse característico. A própria guarda do Sabbat e a prática da circuncisão contribuíram sobremaneira para o delineamento dessa situação.

A atitude do Império Romano, protegendo essas particularidades, ao conceder-lhes juridicamente a dispensa do serviço militar e do culto ao César, ao permitir-lhes legalmente a guarda do Sabbat e uma jurisdição própria em questões internas, sublinhou ainda mais as tendências judaicas 8).

Por isso, é preciso também notar que os outros povos contribuíram decisivamente para aprofundar o abismo que os separava do povo judeu. Já no Império Romano Cristão tinha-se feito uma legislação extremamente severa para o trato com os judeus. Essa tendência foi retomada no IV Concílio de Latrão em 1215, em que foi imposto aos judeus e sarracenos o uso de uma vestimenta especial, que os distinguia dos demais. Medida essa, que de certa forma, contribuiu para a formação dos famosos guetos nas cidades européias em que havia judeus 9).

Com êsse isolamento, bem como tôdas as medidas suplementares nesse sentido, tinha-se lançado as bases para formar uma barreira divisória entre judeus e os demais e preparado o melhor ambiente para o anti-semitismo.

Com a formação do **corpus christianorum**, pelo qual tôda a cristandade, sob um imperador cristão, desde Constantino e ainda em épocas posteriores, via-se como a imagem do senhorio de Deus no céu, expressão política do povo de Deus na terra, não havia mais lugar para os judeus. Êstes eram apenas ainda tolerados porque suas sinagogas serviam como sinal visível de alerta para a ira de Deus no mundo 10).

Os judeus passaram a ser um corpo estranho na sociedade cristã. Pois, no momento em que o antagonismo entre igreja e sinagoga é ligado a questões políticas, é acolhido pelas massas da população. O ingresso na sociedade estatal desde a época de Justiniano até o fim do Iluminismo, dependia da participação nos sacramentos cristãos. Por isso os judeus que não podiam participar nos sacramentos eram considerados «homens detestáveis, vivendo nas trevas, que não percebem, com seu espírito, o verdadeiro mistério» 11). Histórias horripilantes sobre os detestáveis judeus e costumes infames que êstes praticavam em

seus cultos, começavam a circular. Eram vistos pelos cristãos como povo rejeitado e condenado por Deus. E como tal não mereciam os mesmos direitos como os cristãos que constituíam o nôvo e verdadeiro povo de Deus. Esta posição do elemento judeu como corpo estranho numa sociedade cristã, de certa maneira, sempre persistiu. Aliás, digase de passagem, é muito natural e justo que os cristãos sintam o antagonismo existente entre igreja e sinagoga. Lamentável, porém, é que com tanta leviandade dêle emanem sentimentos anti semitas, que, em contornos cristãos, tomam uma forma particularmente trágica.

Como conseqüência dessas medidas «saneadoras» passou o povo judeu a adquirir outras particularidades, que mais lhe foram impostas do que eram inerentes à sua própria condição. Na Idade Média tinha sido proibido aos cristãos negociar com crédito financeiro. Mas, por outro lado, era proibido aos judeus adquirirem terras e ocupar cargos públicos. Assim, nada mais natural que coubesse aos judeus a parte do crédito. A bem da verdade, é preciso dizer que muitas vêzes alguns judeus se excederam na cobrança de juros, levando não poucos à mais trágica ruína. Já nessa época circulava livremente um ódio surdo contra o judeu negociante. A intensidade da impressão causada demonstra-se pelo simples fato de ser êste um dos mais comuns argumentos anti-semitas ainda hoje em vigor. Entretanto, é preciso não esquecer que não foram só os judeus que praticavam a usura na Idade Média. Muitos cristãos, apesar da proibição, não hesitaram em dedicar-se a êsse «metier». Mesmo os príncipes alemães, principalmente quando havia decaído o poder imperial, favoreceram a usura dos judeus para poder cobrar-lhes altos impostos 12).

Até agora empregamos, com certa naturalidade, a expressão «povo judeu». Mas, a verdade é que essa expressão não corresponde objetivamente aos fatos. Se encararmos os judeus como um povo e o confrontarmos com outros povos, constataremos que em sua forma e elementos constitutivos diferencia-se fundamentalmente dos demais. Podemos até perguntar se é logicamente possível chamar os judeus de povo.

Um povo é uma grandeza histórica. Surge e desaparece na história 13). Como tal possui determinados característicos, comuns a todos os povos, mas, diversos para cada um dêles. É através dêstes característicos que se conhece um agrupamento humano como sendo um povo. Êsses principais característicos são: 1º língua comum. Neste ponto pode haver excessões, como é o caso da Suíça e outros; 2º limites geográficos ou espaço vivencial comum; 3º história comum.

Para sabermos se os judeus são um povo basta que lhes apliquemos êsses três característicos. Perguntemos inicialmente pela língua comum. Procuraremos em vão. A maioria dos judeus fala a língua do país em que vive. O hebraico é falado apenas por uma minoria, como é o caso do estado de Israel, que de maneira alguma congrega a maioria dos judeus existentes no mundo.

Como a língua, também não existe espaço vivencial comum. Os judeus vivem disseminados em todo o mundo, principalmente na Europa e América do Sul e Norte. No estado de Israel não se encontram sequer um quinto do total dos judeus.

E a história comum? Até o ano 70 P.C.N. os judeus ainda possuíam uma história comum. Mas, com a destruição de Jerusalém também sua história comum teve um fim. Dessa época em diante há apenas história comum de grupos isolados.

Torna-se a esse ponto desnecessário concluir que etnologicamente não se pode falar de um povo judeu. Apesar disso essa afirmação continuamente tem sido feita, apelando-se para a sua raça. Essa afirmação é por si mesma insustentável, porque a raça não constitui característico etnológico de povo. Não obstante, queremos ainda ressaltar que não existe a «famosa» raça judaica. É um dos mitos que se difundiram nos nossos tempos, graças a certos movimentos ideológicos suspeitos e desmascarados. Justamente os judeus foram uns dos suspeitos e desmascarados. Justamente os judeus foram uns dos elementos que mais se misturaram com outros tipos humanos. Além disso, ainda que os consideremos semitas, deveríamos encarar a variedade de semitas que o oriente oferece.

Portanto, aqui temos mais uma particularidade que distingue os judeus: Sob o ponto de vista etnológico não constituem povo. Nesse particular percebemos simultaneamente as primeiras dificuldades. Apesar de não ser um povo, continuam a sobreviver depois de 2.000 anos de dispersão na história. Enquanto os babilônios, assírios, persas e romanos desapareceram da história, os judeus, apesar de todas as analogias históricas, permaneceram.

Para tornar mais complexo o problema, surge ainda o fato de que nem mesmo a religião é traço comum para todos os judeus. Encontramos judeus crentes, indiferentes e até mesmo ateus. Em todo o caso verificamos que o judeu, quer por língua, cultura ou apêgo à pátria, pertence de uma maneira mais ou menos intensiva, a determinado povo, sem, porém, assimilar-se de todo. Também nesse dilema alimentase a questão judaica, porque torna o elemento judeu, em sua marcha através da história, estranho e misterioso.

Como pudemos observar até aqui, permaneceu sem resposta uma das perguntas fundamentais: Qual foi então o traço que manteve unidos os judeus em sua longa marcha — de tal forma — que hoje continuamos a nos defrontar com uma grandeza incomum? Dificilmente encontraremos a resposta no campo sociológico.

POSIÇÃO TEOLÓGICA

Até agora nada mais fizemos do que apontar particularidades que caracterizam e fazem sobressair os judeus no contexto dos povos

do mundo. Naturalmente não esgotamos o assunto com o nosso rápido exame. Mas, pretendemos, pelo menos, ter dito o essencial. E justamente êsse essencial, reunido, destaca os judeus como grupo humano, tornando-o um elemento estranho. Fornece ao judeu a caracterização que o torna mais e mais odiado pelo anti-semita. Proporciona o ponto de partida determinante, para os motivos isolados, aparentes e reais das investidas contra os judeus.

De forma alguma queremos dizer com isso que tenhamos descoberto as raízes do anti-semitismo ou esclarecido o fenômeno do ódio aos judeus. Êsse ódio continua a ser um problema de uma tal complexidade que tôdas as explicações, tentadas até hoje, não conseguiram satisfazer de todo; principalmente quando essas explicações buscam seus elementos no anti-semita, pois não conseguem responder a uma questão fundamental: Por que se dirigem estas ondas renovadas de ódio justamente contra êsse grupo humano — o judeu?

Por outro lado também não pretendemos afirmar que todos os motivos do anti-semitismo estejam com os judeus. Justamente, os motivos secundários, que desencadearam as formas mais primitivas e vulgares do anti-semitismo, teremos de procurar junto aos anti-semitas. É nesse ponto que se encontra a justificação das explicações que partem do sujeito do anti-semitismo 14).

Essa forma primitiva e vulgar de anti-semitismo que se divulga mesmo entre nós com expressões, tais como: «negócio de judeu», «nariz de judeu», «cara de judeu» e outras, constituem, em sua essência, um complexo composto de preconceitos, sentimentos, recalques e ódio irracional. Como todos os complexos dessa espécie possui um caráter epidêmico que logo contamina camadas mais amplas.

Diante de tal anti-semitismo os cristãos não podem nem devem silenciar, principalmente quando êste ameaça espriar-se em seu próprio seio. Cada cristão que alimenta em seu íntimo tal anti-semitismo vulgar deveria saber e meditar sèriamente sôbre o fato de que com isso se encontra numa posição diametralmente oposta à mensagem cristã.

Mas, o que tudo já tem sido feito nesse sentido? Quantas palavras gastas e quantos livros escritos? Apesar de tudo o anti-semitismo não desapareceu. Permanece oculto em estado latente no coração da massa, para de tempos em tempos, manifestar-se epidêmicamente. Sua sobrevivência deve-se certamente a êsse outro tipo de anti-semitismo, que se alimenta das particularidades judaicas, que é fortalecido pela reação provocada e, colocado dentro do antagonismo igreja sinagoga, recebe um rendado cristão.

É justamente aqui que se encontra o problema prôpriamente dito. Assim como também é diante dêsse anti-semitismo que deveremos como cristãos, tomar conscientemente uma posição.

Um olhar retrospectivo sôbre as particularidades judaicas mostra-nos que tôdas estão, de certa forma, ligadas à questão religiosa. Seja o seu monoteísmo, seu isolacionismo, seja sua estranha maneira de existir entre os povos, tudo isso se reporta direta ou indiretamente à sua religião — à sua relação com Javé. Mesmo a indiferença religiosa de alguns não altera em nada essa constatação. Partindo dêsse ponto, cabe-nos perguntar pela visão neo-testamentária dessa relação dos judeus com Deus.

Os judeus são justamente o povo que Deus escolheu para nêles concretizar sua ação salvífica em benefício de todos os homens. Jesus Cristo, no qual Deus revelou aos homens seu amor e graça, era judeu segundo a carne. É nessa qualidade que Jesus diz à mulher samaritana: «... a salvação vem dos judeus» 15). Êsse povo, perseguido e odiado, que em comparação com os povos contemporâneos era um povo completamente irrelevante, Deus escolheu para revelar-se primeiro. Deus, portanto, na sua escolha não se voltou para um povo poderoso e especial. Em sua condescendência Deus não se voltou para os grandes — assírios, persas ou romanos — mas justamente para os judeus. Não que êsses tivessem algum mérito especial para qualificá-los. Israel em sua história, tinha se afastado sucessivamente de Deus e desprezado o seu pacto. Por isso, essa escolha de Deus em Jesus Cristo é, antes de mais nada, um testemunho de sua ação benigna entre os homens e de sua graça infinita. Esta mesma graça que se volta para todos nós em Jesus Cristo sem que nós, de forma alguma, a tenhamos merecido.

E êste povo, que Deus amou primeiro, é odiado por cristãos que vivem dêsse mesmo amor de Deus? A Igreja Cristã ainda continua em concordância com o testemunho apostólico do Nôvo Testamento ao permitir êsse ódio aos judeus?

Mas, também é verdade que êste povo com o qual Deus se encontrou em sua ação salvífica, recusou a graça de Deus e não reconheceu a Jesus Cristo como o seu Messias. Não a aceitou, confiando exclusivamente na dádiva desta graça, como os gentios, mas nos privilégios que gozava como povo de Deus, ou seja, na lei, na circuncisão e nas promessas recebidas de Javé. Com essa sua ação colocou-se sob o juízo de Deus. Enquanto isso essa mensagem encontrou plena acolhida entre os povos gentios. A partir dêsse reconhecimento os cristãos sempre estiveram inclinados a ver-se como o verdadeiro povo de Deus, o povo escolhido, afirmando que os judeus tinham sido definitivamente rejeitados por Deus. Com isso, entretanto esqueceram que a mensagem neo-testamentária é bem outra. O apóstolo Paulo justamente admoesta os cristãos contra o seu orgulho, que os leva a colocar-se acima dos judeus. Se Deus não poupou o seu próprio povo, colocando-o sob o juízo por não ter aceito a sua graça, que o impediria de colocar os cristãos que originalmente não pertenciam ao seu povo, sob o mesmo juízo? Além disso, Deus não rejeitou definitivamente o povo judeu. Colocou-o sob o juízo, mas o apóstolo Paulo aponta para o amor e a paciência com que Deus se volta para o seu povo, a fim

de encontrá-lo com a mesma misericórdia com a qual veio ao nosso encontro. Pelo Evangelho de Jesus Cristo, diz o apóstolo, são eles inimigos de Deus, porque impedem a sua propagação. Quanto à sua eleição, porém, são por Deus amados. 16) Diante desse fato resta nitidamente que todo anti-semitismo sempre conduzirá para fora da esfera da fé cristã — para o terreno da maldição humana, sob o juízo de Deus. E a história, sob este ponto de vista, apresenta fatos impressionantes que todos deveríamos encarar com mais seriedade. 17)

Isto entretanto, não significa que o cristão deva ser um filo-semita, louvar e justificar o judeu. Longe disso. Os cristãos estão de uma maneira toda especial qualificados para compreender o judeu. Sabem que as particularidades a caracterizar os judeus, tanto as particularidades boas, e misteriosas, como as desagradáveis, são simultaneamente as particularidades que distinguem o povo eleito. Sabem que Deus não hesitou em demonstrar o seu amor para com esse grupo humano. Ao mesmo tempo, jamais poderão perder de vista que uma questão decisiva os separa dos judeus: A questão da divindade de Jesus Cristo. Onde os cristãos esquecem esse fato — onde o judeu é visto como um povo entre outros — onde se ignora o fato de que o judaísmo em sua forma religiosa se encontra em flagrante oposição ao cristianismo; em resumo, onde os cristãos não percebem mais a diferença existente entre eles e os judeus entre os judeus e o resto da humanidade, não mais perceberão o fato de que os judeus, apesar da emancipação, apesar da assimilação permanecem judeus e com isso diferentes dos povos em cujo seio vivem. É no desconhecimento desses fatos que reside o perigo de tornar-se anti-semita.

Concluindo afirmamos que não é possível estabelecer regras para resolver o problema do anti-semitismo. Mas o que nós podemos e devemos fazer, considerando tudo o que o anti-semitismo já causou, é combater toda e qualquer forma de discriminação. Deveríamos, porém, de todas as formas evitar que isso se feze por meio de leis governamentais, que, em última análise viriam aprofundar ainda mais as diferenças já existentes no seio da sociedade. Apenas agravariamos a situação se, ao invés de anti-semitas, nos tornássemos filo-semitas. Por outro lado, encarando lucidamente o problema, sabemos que todas essas nossas medidas sempre trarão consigo um caráter provisório e que não nos levarão a uma solução definitiva. Isso porque o caráter de **mysterion** continuará a constituir a questão central do problema.

Como cristãos, entretanto, somos levados a estender este pronunciamento, principalmente tendo em vista o quanto a Igreja Cristã, nas diversas épocas, contribuiu para as formas desumanas de anti-semitismo. A questão permanente entre a Igreja e a sinagoga é a pergunta se o **mysterion** de Israel e o **mysterion** de Jesus Cristo é o **mysterion** do mesmo Deus.

Enquanto essa pergunta não for respondida e considerada, permanece o antagonismo entre igreja e sinagoga e com ele as premissas

para tôda e qualquer forma de anti-semitismo em círculos cristãos. A discussão sôbre êste problema cabe em primeiro plano aos cristãos e aos judeus e a nenhuma outra instância seja lá qual fôr. Judeus e cristãos hão de reconhecer que a solução desta pergunta é para ambos de importância vital, e que ela não pode ser alcançada nem por um filosemitismo da parte dos cristãos, nem por uma trégua de paz entre cristãos e judeus esclarecidos. 18)

O diálogo judaico-cristão, portanto, não deverá cessar. E nêle importa que cada um permaneça com tôda seriedade na sua posição. O cristão, contudo, que entrar no diálogo, cuide que a mensagem da qual é portador transpareça na sua vivência, porque a causa, em última análise, não é sua, mas daquele que chama a todos.

A n o t a ç õ e s

- 1) Vid. Visão de 15 e 29 de jan. de 1960 e 7 de abr. de 1961.
- 2) Holsten, art. Antisemitismus, in: Die Religion in Geschichte und Gegenwart, 3a. ed., vol. I, 1950, col. 456.
- 3) Is. 40, 12 ss.; 41, 1 ss.; 45, 12; 48, 13.
- 4) Is. 44, 6 ss.; 43, 10; 45,21; 46,9 ss.; Sl. 96, 5.
- 5) Sl. 22, 29; Is. 41, 1 ss.; Gn. 12, 2 ss.; Dt. 15, 6.
- 6) Vid. G. v. Rad, Theologie des Alten Testaments I, 3a. ed., 1957, p. 99.
- 7) Vid. Leipoldt, art.: Antisemitismus, in Reallexikon für Antike und Christentum, vol. I. 1950, col. 471 ss; H. Kannenberg, Porque perseguição aos judeus?, (nesta ed., p.)
- 8) Vid. Maurer, Kirche und Synagoge, Estugarda 1953, p. 22.
- 9) Vid. H. Kannenberg, op. cit., p.
- 10) Vid. Maurer, op. cit., p. 23.
- 11) apud Maurer, o. cit., p. 25.
- 12) Vid. F. W. Foerster, A Questão Judaica, S. Paulo, 1961, p. 130 ss.; H. Kannenberg, op. cit., p.
- 13) Vid. oth, Die Welt des Alten Testaments, 2a. ed., Berlim, 1953, p. 55.
- 14) Uma tal explicação é tentada, p. ex., por J. P. Sartre (Reflexões sôbre a questão judaica, in. O Racismo, S. Paulo, 1960) e por Michael Mueller-Claudius (Deutsche und juedische Tragik, Frankfurt a. Main, 1955).
- 15) Jo. 4, 22.
- 16) Vid. Rm. 11, 25-32
- 17) Vid. H. Kannenberg, op. cit., p.
- 18) Vid. H. Diem, Das Raetsel des Antisemitismus, in: Theologische Existenz Heute, cad. 80, 1960, pp. 16 ss.